



ESCOLA DE
HUMANIDADES

VERITAS (PORTO ALEGRE)

Revista de Filosofia da PUCRS

Veritas, Porto Alegre, v. 70, n. 1, p. 1-16, jan.-dez. 2025

e-ISSN: 1984-6746 | ISSN-L: 0042-3955

<http://dx.doi.org/10.15448/1984-6746.2025.1.46759>

VARIA

A Caixa de Pandora da extrema direita: como as redes sociais contribuem para o enfraquecimento da democracia

Pandora's Box of the far right: how social medias contribute to the weakening of democracy

La Caja de Pandora de la extrema derecha: cómo las redes sociales contribuyen al debilitamiento de la democracia

Cristian Araújo¹

orcid.org/0000-0003-0042-4957

cristian_arao@hotmail.com

Recebido em: 21 ago. 2024.

Aprovado em: 18 maio. 2025.

Publicado em: 11 jul. 2025.

Resumo: As redes sociais criaram um terreno fértil para a extrema direita. Contudo, elas não inventaram esse espectro ideológico, somente criaram o espaço para a emergência de uma mentalidade fascista que estava latente nas sociedades liberais. Esse fascismo subterrâneo foi analisado por Adorno (2015, 2019) em sua pesquisa sobre a personalidade autoritária e em sua investigação sobre os efeitos da psicologia das massas. Marcuse (1999) também contribuiu para essa perspectiva ao lançar luz sobre como o princípio de desempenho ajuda a construir essa mentalidade fascista. Pretende-se, aqui, analisar de que modo os algoritmos abriram a Caixa de Pandora que libertou esse conteúdo autoritário latente.

Palavras-chave: extrema direita; redes sociais; personalidade autoritária; psicologia das massas; princípio de desempenho.

Abstract: Social medias have created fertile ground for the far right. However, they did not invent this ideological spectrum, they only created the space for the emergence of a fascist mentality that was latent in liberal societies. This underground fascism was analyzed by Adorno (2015, 2019) in his research on the authoritarian personality and in his investigation into the effects of mass psychology. Marcuse (1999) also contributes to this perspective by shedding light on how the performance principle helps build this fascist mentality. The aim here is to analyze how algorithms opened Pandora's Box that released this latent authoritarian content.

Keywords: Far Right; Social Media; Authoritarian Personality; Mass Psychology; Performance Principle.

Resumen: Las redes sociales han creado un terreno fértil para la extrema derecha. Sin embargo, no inventaron este espectro ideológico, sólo crearon el espacio para el surgimiento de una mentalidad fascista que estaba latente en las sociedades liberales. Este fascismo clandestino fue analizado por Adorno (2015, 2019) en su investigación sobre la personalidad autoritaria y en su investigación sobre los efectos de la psicología de masas. Marcuse (1999) también contribuye a esta perspectiva arrojando luz sobre cómo el principio de desempeño ayuda a construir esta mentalidad fascista. El objetivo aquí es analizar cómo los algoritmos abrieron la caja de Pandora que liberó este contenido autoritario latente.

Palabras clave: extrema derecha; redes sociales; personalidad autoritaria; psicología de las masas; principio de rendimiento.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

Introdução

No dia 1 de janeiro de 2019, o ex-presidente Jair Bolsonaro foi recebido durante sua posse por apoiadores que gritavam, dentre outras coisas,

¹ Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Brasil.

"WhatsApp" e "Facebook". Os brados com os nomes das redes sociais justificam-se pelo fato de que os eleitores acreditavam que esses aplicativos haviam sido essenciais para a ascensão do bolsonarismo. Essa avaliação é partilhada também pelos críticos desse fenômeno político, bem como por especialistas que analisam o crescimento da extrema direita². De forma semelhante, em outros lugares do mundo também se conclui que as redes sociais contribuíram para o avanço dessa espécie de neofascismo^{3,4}. Considerando essas conclusões, surgem perguntas como: bolsonaristas e trumpistas são mais inteligentes e hábeis na comunicação digital? Ou a esquerda falhou na adaptação ao mundo virtual?

De antemão, é preciso dizer que o sucesso da ultradireita nas redes sociais não possui relação com uma maior sabedoria da extrema direita nem com uma inapetência da esquerda. Muito embora existam diversos exemplos de ocasiões em que o "progressismo" não soube como usar as novas tecnologias de informação, há inúmeros casos em que esteve à frente no uso de novas ferramentas. Nos Estados Unidos, por exemplo, a Cambridge Analytica (CA) (que posteriormente viria a trabalhar com o Partido Republicano e chocar o mundo com uma acusação de ter manipulado as eleições de 2016) não fez parte do primeiro grupo de empresas a usar *Big Data* e inteligência artificial para campanhas políticas.

Quando Alexander Nix (fundador da CA) iniciou sua busca por possíveis clientes nos EUA, não pôde contar com o Partido Democrata, porque esse partido já contava com os serviços de outras empresas como Blue State Digital, BlueLabs, NGP VAN, Civis Analytics e HaystaqDNA. A BlueLabs já havia trabalhado na campanha de Obama e era o grande referencial no uso da estatística para a persuasão política (Kaiser, 2020, p. 102). A relação

entre Nix e os republicanos não foi, portanto, uma escolha ideológica, mas sim uma decisão que tinha como base o atraso tecnológico da direita estadunidense.

A Cambridge Analytica tampouco possuía sistemas muito mais poderosos e acurados que suas concorrentes, em que pese o fato de Nix afirmar o contrário. Essa perspectiva é sustentada por uma declaração de Aleksandr Kogan (*apud* Sumpter, 2019, p. 57). A palavra "Cambridge" no nome da empresa está ali por causa de Kogan, que é o pesquisador de Cambridge e principal responsável pelo sistema usado pela CA. Em entrevista, ele afirmou que as altas capacidades de conversão das quais Nix se gabava eram muito mais uma autopromoção para angariar mais investimentos. Na verdade, quando colocados à prova, os algoritmos de classificação em muitos momentos apresentaram taxas de acerto muito próximas da aleatoriedade (Sumpter, 2019, p. 57).

Portanto, a extrema direita não possui mais conhecimento sobre a política nas redes sociais, tampouco as empresas que trabalhavam (e trabalham) para ela são muito mais competentes que outras do ramo. O que faz, então, com que o desempenho desse espectro político seja melhor? Há bastante tempo essa relação entre os algoritmos e o enfraquecimento da democracia é analisada em diversos países. A partir dessas pesquisas, é possível compreender que o espaço virtual privilegia conteúdos da extrema direita.

Ainda que sem esse objetivo explícito, ao favorecer a propagação de discursos de ódio, *fake news*, teorias da conspiração, dentre outras narrativas usadas pela ultradireita, as empresas de tecnologia acabam por privilegiar esse campo político. Por mais que pessoas do campo progressistas invistam tempo e dinheiro na criação de conteúdos para a internet, elas sempre estarão

² Ver *Algoritmos das redes sociais e seitas políticas* (Rocha, 2024).

³ Ver *Os Engenheiros do caos* (Empoli, 2020).

⁴ O neofascismo é caracterizado por uma série de elementos, incluindo o ultranacionalismo, a centralização autoritária do poder, a repressão de oposição política e social, a glorificação da violência e do militarismo, e a promoção de uma identidade nacional homogênea, frequentemente baseada em princípios racistas ou xenófobos. Os afetos mais importantes para essa tendência política são o medo e o ódio, que também são fundamentais para a extrema direita. A extrema direita, em um sentido contemporâneo, geralmente abrange grupos e partidos que promovem políticas nacionalistas, anti-imigração, antiglobalização, e que frequentemente utilizam retórica populista para mobilizar apoio. Esses grupos compartilham com o neofascismo uma tendência autoritária, a rejeição do pluralismo democrático, e a busca de uma sociedade homogênea em que minorias e dissidentes são marginalizados ou perseguidos. Portanto, é possível compreender que a extrema direita é constituída em grande parte por afetos e ideias comuns ao fascismo, por isso, uma espécie de neofascismo.

em desvantagem. Páginas e influenciadores que apostam em discursos radicalizados tendem a ter um melhor desempenho nas plataformas, angariando seguidores muito rapidamente (Empoli, 2020).

As redes sociais gostam desse tipo de conteúdo, porque ele possui o poder de prender nossa atenção, e a atenção é o que faz com que vejamos anúncios que geram lucros para as empresas. Ou seja, o objetivo dos algoritmos não é exatamente criar um espaço fértil para a extrema direita, porém pouco fazem para evitar esse efeito colateral. Os algoritmos não criaram a extrema direita, mas criaram caminhos que facilitam a emergência de afetos e ideias autoritárias que se mantinham mais reprimidos.

Para compreender esse fenômeno, primeiramente é preciso entender como uma mentalidade autoritária se manteve nas sociedades democráticas. Isso quer dizer que não somos tão tolerantes e progressistas quanto pensamos. Theodor Adorno (2019) analisou essa questão em um estudo empírico em que demonstrou que muitos estadunidenses eram potencialmente fascistas.

Posteriormente, o filósofo da Escola de Frankfurt abordou esse fenômeno explicando que esse potencial do fascismo tende a se realizar quando há a formação de massas psicológicas. Com o auxílio de Freud, Adorno explica como a reunião de indivíduos semelhantes em um certo contexto tem a capacidade de fazer emergir uma mentalidade fascista latente. As características das circunstâncias que permitem a ascensão desse conteúdo autoritário podem ser encontradas também nas bolhas digitais das redes sociais. Por esse motivo, de forma indireta, os algoritmos contribuem com o crescimento da extrema direita.

Contudo, outra pergunta surge dessa constatação: se o liberalismo é a antítese do fascismo, por que existe uma mentalidade fascista nas sociedades liberais? Por mais que essa oposição seja comum em nossas mentes, existem formas de compreender essa relação que apontam as semelhanças entre os dois sistemas. Herbert Marcuse (2015) é um dos autores que mostram

o que há de comum entre o liberalismo e o fascismo: para ele, a necessidade de desempenho nos dois sistemas cria sujeitos padronizados e embrutecidos, e isso faz com que os impulsos destrutivos que alimentam o fascismo estejam presentes também nas sociedades capitalistas.

Personalidade autoritária e psicologia das massas

Philip Roth, em *Pastoral Americana* (1998), explora a relevância da raiva para o espírito estadunidense. A violência das guerras, o antissemitismo, o racismo e a reação a esses problemas constituem uma cultura colérica fundamental para os Estados Unidos, ainda que essa cólera possa passar despercebida. Essa raiva pode não ser percebida, porque muitas vezes se mantém em um nível mais profundo em que há uma aparência de normalidade. Onde aparentemente não há ódio, existe ressentimento; é, portanto, o lugar da hipocrisia.

Esse sentimento que se localiza abaixo da superfície é também objeto de pesquisa de Theodor Adorno em sua pesquisa publicada originalmente em 1950 sobre a personalidade autoritária. Para Adorno (2019, p. 71), não se trata somente de raiva, mas esse espírito presente nos Estados Unidos possui características assemelhadas ao fascismo. A premissa que baseia os estudos empíricos é: o fascismo não é um fenômeno isolado, mas sim uma mentalidade presente em muitos países do campo democrático. Com isso, o teórico crítico chama a atenção para o fato de que o autoritarismo e o capitalismo podem partilhar o mesmo terreno.

Sobre os Estados Unidos especificamente, Adorno (2019, p. 76) argumenta que, embora as pessoas não costumem expressar adesão ao fascismo, é possível a existência de pensamentos secretos que constituem uma personalidade autoritária. Para mapear a presença desse tipo de mentalidade, foram elaborados questionários e testes clínicos conduzidos por psicólogos que tiveram como objetivo entender o quanto as pessoas seriam suscetíveis a um discurso fascista.

Partindo de um paradigma freudiano, Adorno

(2019, p. 78-79) apresenta a diferença entre personalidade e comportamento. De acordo com ele, a personalidade é algo mais profundo no indivíduo e se localiza por detrás do comportamento. Isso quer dizer que a personalidade pode não ser percebida sem as devidas técnicas, porque pode ser escondida em certas ocasiões. Em outras ocasiões, em que a pessoa julga que pode ser aceita, o conteúdo da personalidade pode emergir.

O papel dos pesquisadores nesse contexto foi o de criar formas para acessar esse conteúdo inconsciente. A partir daí, foram oferecidas pontuações que classificavam os indivíduos quanto a seu potencial de personalidade autoritária. Uma das inovações dessa pesquisa foi focar nas pessoas e não nas estruturas de manipulação – isto é, estudar como o discurso é recebido em vez de como o discurso é produzido. Essa abordagem permite compreender melhor o que faz com o que as ideias fascistas estejam presentes nas sociedades democráticas. Em outra obra, escrita em 1954, Adorno dá continuidade a esse estudo explorando as condições e circunstâncias que fazem com que as pessoas sejam mais suscetíveis ao fascismo. Em "Teoria freudiana e o padrão da propaganda fascista" (Adorno, 2015), é analisado como a psicologia das massas abre caminhos para a emergência do comportamento autoritário que se mantinha submerso em outros contextos.

Nessa obra, Adorno dialoga mais profundamente com o livro de Freud *Psicologia das massas e análise do Eu e outros textos* (2011). Esse texto freudiano não tem como objetivo interpretar uma mentalidade fascista, mas, segundo Adorno (2015), as explicações do psicanalista sobre o funcionamento das massas psicológicas são fundamentais para compreender a forma como uma personalidade autoritária pode ser cultivada. O que Freud (2011) nos explica é que o agrupamento de pessoas que possuem mentalidades parecidas oferece segurança para que a censura se afrouxe e a pessoa externalize pensamentos que outrora possuía medo ou vergonha de expressar. Os integrantes de um agrupamento psicológico possuem uma alma coletiva, um tipo

de consciência grupal que uniformiza os sujeitos e detém a habilidade de "metamorfoseá-los" em algo divergente do que aparentavam ser em um cenário distinto. Sob a ótica freudiana, o agrupamento tem o poder de suprimir a singularidade dos indivíduos, mesmo que o sujeito se perceba plenamente livre e autossuficiente. No seio do agrupamento, os indivíduos tendem a comportar-se e raciocinar de maneira análoga, negligenciando suas características únicas que compõem sua identidade.

Ao se dissolver na massa, o indivíduo transcende sua individualidade e se torna parte de um todo maior. Essa imersão concede-lhe um poder embriagante e derruba as barreiras que antes refreavam seus instintos mais obscuros. A censura, antes presente, se esvai, permitindo que os desejos reprimidos do inconsciente se manifestem livremente. Nesse contexto, o sujeito perde a noção de responsabilidade individual. Libertado das amarras da civilização, ele se permite explorar os lados mais sombrios da sua natureza, sem o peso da culpa ou da vergonha. A violência, antes condenada, torna-se aceitável, até mesmo celebrada. Assim, segundo Freud (2011, p. 21), há uma "maldade intrínseca" presente na alma humana, que é reprimida pela sociedade e encontra na massa um ambiente propício para florescer. O que antes era escondido nas profundezas do inconsciente agora se torna um modelo de conduta, aplaudido e exaltado.

Com a queda das barreiras do recalque, a capacidade de discernimento também se fragiliza. O indivíduo se torna mais suscetível à influência, manipulável como um autômato. De acordo com Freud (2011, p. 30), a imersão na massa provoca um estado de susceptibilidade à sugestão, similar ao transe hipnótico. Nesse estado de vulnerabilidade, surge a necessidade de uma figura de autoridade que forneça orientação e liderança. Essa figura, no entanto, não precisa convencer através da razão ou da lógica. Não há necessidade de provas ou argumentos, basta demonstrar convicção e representar os desejos mais profundos do inconsciente. Adorno (2015), ao analisar a propaganda nazista, defende a ideia

de que a psicologia das massas é fundamental para a sustentação de regimes autoritários. A massa, segundo ele, tem o poder de despertar a crueldade adormecida nos indivíduos, transformando-os em suas piores versões; ela também cultiva o medo à liberdade, levando as pessoas a buscarem líderes que as dominem.

Ao contrário do que se imagina, Adorno (2015, p. 181) argumenta que o sucesso do nazismo não se deveu à genialidade de seus líderes ou à sofisticação de suas técnicas de propaganda. Na verdade, os líderes nazistas eram pragmáticos e operavam com base na intuição e na observação das reações do público. Eles entendiam que, para manipular a massa, era preciso se conectar com o seu inconsciente, externalizando seus próprios desejos e anseios. Adorno afirma que essa capacidade de se conectar com o inconsciente do público era uma prova da veracidade da teoria freudiana. Segundo ele, mesmo sem conhecimento formal da psicologia, os líderes nazistas agiam de acordo com os princípios freudianos, simplesmente por causa da funcionalidade da teoria em si.

Assim como Adorno reconheceu características da psicologia das massas na mentalidade fascista, acredito que é possível identificar semelhanças entre o comportamento nas redes sociais e as massas psicológicas. Basicamente o que as redes sociais fazem é criar um terreno fértil para a criação e a ampliação do alcance de massas psicológicas. O que chamamos de "bolhas digitais" são grupos que funcionam como o explicado nas obras sobre a psicologia das massas. É possível encontrar as mesmas características reveladas por Freud (2011) no comportamento dos usuários das redes sociais, como a identificação com o líder, a perda da individualidade e a relevância do medo e do ódio.

Bolhas, câmaras e silos

No cenário digital contemporâneo, a proliferação de "bolhas de informação" nas redes sociais e em grupos de mensagens instantâneas, como o WhatsApp, cria um espaço que favorece a disseminação de desinformação e a construção

de "realidades alternativas". Essa reconfiguração do cenário informacional, como aponta Giuliano da Empoli (2020) em *Os Engenheiros do Caos*, impulsiona a formação de grupos unidos por emoções como a raiva e o ressentimento, muitas vezes direcionados contra um inimigo comum percebido como externo ao grupo.

A internet, nesse contexto, atua como um catalisador para a união de indivíduos com crenças e sentimentos em comum, transcendendo barreiras físicas e promovendo uma sensação de pertencimento a um grupo coeso. Essa dinâmica, por sua vez, alimenta a rejeição de fontes de informação tradicionais, como a "grande mídia", cientistas e especialistas, em favor da validação mútua de suas visões dentro do grupo. Assim são formadas as "câmaras de eco" que ressoam incessantemente os discursos proferidos pelos membros. De acordo com Lee McIntyre (2018, p. 52), essa estrutura assemelha-se a um silo: silos são construções usadas para separar produtos agrícolas, mas no mundo corporativo esse termo é usado para definir um sistema de gerenciamento de dados que não consegue se comunicar livremente com outros sistemas de gerenciamento de informações. Aqui, a palavra "silo" explica uma falha na capacidade de comunicação. Pensando a sociedade, é possível compreender como esse déficit comunicativo fortalece a polarização e a fragmentação da sociedade; como cada grupo só tem acesso a um tipo de informação, sequer consegue considerar outras visões de mundo.

Imersos nas câmaras de eco, os indivíduos tendem a ser mais receptivos à influência do grupo. Nessa circunstância, a veracidade das notícias passa a ser secundária em relação à capacidade de provocar reações emocionais fortes, especialmente quando estas se alinham com as crenças preexistentes do indivíduo. É explorando as emoções fortes que as *fake news* são criadas e compartilhadas. Histórias chocantes e inusitadas chamam mais a atenção e são mais propensas a serem compartilhadas e aceitas como verdadeiras. As redes sociais, por sua vez, privilegiam conteúdos sensacionalistas, porque esses possuem grande capacidade de prender

a atenção. Por esse motivo, discursos de ódio e notícias falsas são narrativas favorecidas.

Sabe-se que o *modus operandi* da extrema direita baseia-se justamente no sensacionalismo, explorando o ódio e o medo que por vezes se mantém submerso. O viés de confirmação que com recorrência guia esse espectro político é justamente baseado nesses afetos. Esse "viés de negatividade" foi encontrado pelos pesquisadores Fessler, Pisor e Navarrete (2014) em um estudo empírico que revelou que os conservadores possuem mais tendência em acreditar em teorias da conspiração e em histórias falsas que incitam o pânico⁵. De acordo com Empoli (2020, p. 71), o que a extrema direita fez foi organizar essa negatividade difusa dando-lhe uma finalidade política. Os algoritmos facilitam esse processo, porque, de um lado, potencializam essa cólera ao privilegiar conteúdos sensacionalistas, mentirosos e, do outro, intensificam o poder das massas psicológicas que também possuem relação com esses sentimentos negativos.

A intensificação do poder dessas massas na era digital se deve à capacidade da internet de conectar indivíduos instantaneamente e mantê-los em um fluxo constante de informações e mensagens, reforçando os laços do grupo e a identidade compartilhada. Essa dinâmica abre caminho para a ascensão de figuras autoritárias que exploram habilmente as emoções e o ressentimento existentes dentro das massas psicológicas. Esse espaço virtual, que permite às pessoas se esconderem atrás de avatares e expressarem sua raiva reprimida contra tudo e todos, é onde uma grande parte da militância é moldada. Com isso em mente, a extrema direita passou a usar o mundo subterrâneo das plataformas da internet como força política (Kalil, 2020).

A internet, com suas vastas possibilidades de comunicação e acesso à informação, se tornou um espaço propício para a perpetuação de preconceitos e o surgimento de movimentos de extrema direita. Nas brumas do inconsciente,

onde a luz da razão nem sempre alcança, residem os instintos destrutivos, como a raiva e o ódio. A internet, por sua vez, esconde um submundo obscuro em que preconceitos adormecidos aguardam o momento oportuno para emergir. Nesse ambiente virtual, os movimentos de extrema direita assumem o papel de catalisadores, reunindo as frustrações e moldando-as em uma identidade conservadora. É como se navegassem pelas profundezas da rede despertando os fantasmas do passado e alimentando a chama do ódio e da intolerância.

Talvez isso explique a relação entre as redes sociais e a ascensão da extrema direita a partir de meados da década passada. A raiva inata que se mantinha submersa nos Estados Unidos abordada por Philip Roth (1998) pôde se tornar mais visível e até mesmo aceita. Contudo, tanto Roth quanto Adorno, nos seus estudos sobre a personalidade autoritária, estavam pensando a condição estadunidense. Desse modo, surge o questionamento: será possível encontrar características do mesmo fenômeno em outros países, como no Brasil?

A partir da análise feita por Marcuse (2015), compreende-se que características do fascismo não estão presentes só nos Estados Unidos: elas acompanham a forma de vida capitalista, espriam-se portanto. De acordo com ele, o que há em comum entre o capitalismo e o fascismo é a supremacia da eficiência. Nos dois sistemas, a necessidade de desempenho sustentada pelo axioma da competição implacável é o que há de mais fundamental na constituição dos indivíduos.

O indivíduo do capitalismo

A ilusão fundamental que sustenta os mecanismos de controle do capitalismo é a ideia de que todos são livres e têm a possibilidade e a capacidade de realizar escolhas de formas autônomas. Entretanto, a constituição do sujeito é algo muito mais complexo; o indivíduo responde às influências externas da sociedade e a sua própria

⁵ Estudos como esse coadunam-se com o que foi apresentado por Adorno mais de 70 anos antes. Em sua obra sobre a personalidade autoritária, Adorno (2019) explica que os conservadores, além de serem mais dogmáticos e autoritários, tendem a ser mais levados pelo medo. Há, portanto, uma constante presença do perigo. Nessa conjuntura, o sentimento de ameaça faz com que surja o ódio em forma de preconceitos.

estrutura psíquica não é algo completamente racional e conhecida. Por ser constituído dessa forma, o sujeito possui características diferentes em cada período histórico, porque as transformações sociais alteram também a antropologia.

Sob o capitalismo, o indivíduo torna-se um ser fortemente marcado pelo princípio de desempenho (Marcuse, 1975)⁶. Seja em sua forma inicial, seja em sua fase tardia, o capitalismo produz pessoas que devem funcionar sempre na maior frequência possível. É preciso sempre ser o maior, o mais rápido, o mais forte e o mais inteligente para manter as engrenagens da produção e da compra de mercadorias funcionando da melhor maneira possível para garantir o bem-estar do mercado.

O amor ao trabalho e a aversão ao ócio e à preguiça nem sempre estiveram presentes na humanidade. A ideia de que o trabalho torna o indivíduo valoroso surge na história da humanidade com o final da escravidão, se intensifica com o início de capitalismo e se expande junto com a expansão do sistema capitalista. Para fazer com que as pessoas assumissem funções que outrora eram de escravos, revestiu-se a atividade laboral com uma aura de nobreza e posteriormente foi necessário que essa adoração ao trabalho fosse ainda maior. Como apontou Max Weber em *A ética protestante e o espírito do capitalismo* (2004), a ideia de vocação do puritanismo foi necessária para a criação do étnos capitalista baseado na ascese e na glorificação da labuta.

O indivíduo digno, portanto, é o sujeito do trabalho; mas, mais do que isso: o trabalho válido é somente o que gera valor. Apesar de algumas exceções (como o trabalho religioso), a atividade humana só é considerada válida se propiciar retorno financeiro ou algo que constitua a cadeia de produção de riqueza. Nesse contexto, a reflexão humana é percebida como perda de tempo, desnecessária e, por vezes, perigosa.

Marx (2017), antes de Weber, também já havia

analisado como o capitalismo cria subjetividades. Dessa forma, não se trata de simplesmente denunciar a miséria e a exploração da forma de organização capitalista da sociedade, mas de tentar entender como a manutenção desse sistema está calcada na formação de formas de vida. Trata-se, portanto, de compreender como as relações sociais são balizadas através da lógica do mercado e transformam a psique humana, formando, de certa forma, um tipo de sujeito.

Estudando o capitalismo de meados do século XX, Marcuse (2015) percebeu que a ideologia de dominação do capitalismo alcançara níveis ainda maiores do que a análise de Marx no século XIX revelou. Entretanto, isso não é estranho ao autor de *O Capital*, pois, para ele, a capacidade de manipulação do capitalismo está ligada diretamente ao desenvolvimento do sistema – isto é, quanto maior o esquema de produção, circulação e compra de mercadorias, maior o poder de dominação.

Dessa forma, com a globalização, a consolidação do poder das grandes corporações e da cultura da compra, a formação de subjetividades torna-se muito mais poderosa a partir de meados do século XX. O próprio Marcuse (1975, p. 12), em *Eros e Civilização*, também não teria dado a atenção necessária às novas formas de controle social que surgiram com o capitalismo avançado. Talvez por isso tenha se preocupado posteriormente em desenvolver o conceito de "sociedade unidimensional". Em *O homem unidimensional*, Marcuse (2015) afirma que, apesar da aparente forma de pluralidade e liberdade das sociedades industriais avançadas, o que existe é uma sociedade manipulada e unidimensional.

Durante a década de 1950, encantado com a evolução da tecnologia, Marcuse imaginou que as novas formas de produção poderiam findar a carência material e diminuir a necessidade do trabalho alienado. Entretanto, o que ocorreu nos anos seguintes foi justamente a intensificação da labuta e da cultura do sacrifício, sobretudo após

⁶ Marcuse (1975) expande o conceito de Freud do "princípio de realidade", que é a capacidade de adiar a gratificação para lidar com o mundo externo. Para Marcuse, o "princípio de desempenho" é uma versão específica do princípio de realidade aplicada às sociedades industriais avançadas. Ele critica como esse princípio reforça a repressão e a alienação ao exigir que os indivíduos se conformem com as demandas do trabalho e da produção, muitas vezes à custa de suas necessidades e desejos pessoais. Assim, o princípio de desempenho se torna uma ferramenta de controle social que vai além da repressão necessária para a sobrevivência da sociedade, resultando em uma "mais-repressão" que limita o potencial humano.

o firmamento do modelo toyotista. O princípio de desempenho e a mais-repressão tornaram-se cada vez mais presentes no mundo todo.

No lugar da diminuição do tempo de trabalho, a tecnologia proporcionou o aumento da produção em escalas cada vez maiores, de modo a reproduzir artificialmente a necessidade da labuta. O avanço tecnológico, que poderia oferecer um mundo novo, com pessoas mais livres, terminou por constituir-se como mais um mecanismo da engenharia social.

Aqui, os controles sociais exigem a necessidade irresistível de produção e consumo de *supérfluo*; a necessidade de trabalho imbecilizante onde isso não é mais necessário; a necessidade de modos de relaxamento que aliviam e prolongam essa *imbecilização*; a necessidade de manter liberdades enganosas como a livre concorrência com preços administrados, uma imprensa livre que se autocensura, a livre concorrência entre marcas idênticas e acessórios inúteis (Marcuse, 2015, p. 46, grifos meus).

A produção de *supérfluo* surge, dessa forma, como uma necessidade para a manutenção da sociedade industrial avançada. O problema, entretanto, não reside em uma dicotomia entre o que é estritamente necessário e o que seria fútil ou prescindível. A questão aqui é o imperativo da produção que cria uma cultura da compra que mantém os indivíduos sempre desejosos de adquirir coisas novas. Por isso, o lixo tornou-se um dos maiores problemas ambientais; com a indispensabilidade de produzir cada vez mais, os países aumentaram vertiginosamente a quantidade de resíduos produzidos. O consumo de energia e o desgaste do meio ambiente também surgem como subprodutos da produção desenfreada. Para solucionar esses problemas, normalmente, recorre-se à ideia de um certo desenvolvimento sustentável, pautado na concepção de "energia limpa". Contudo, não existe energia verdadeiramente limpa: toda forma de produção de energia ocasiona um impacto na natureza.

Portanto, consumimos cada vez mais da natureza e do trabalhador para criar mercadorias excedentes feitas para ficarem inúteis ou obsoletas em curtíssimo prazo. Criaram-se, assim (no

Primeiro Mundo), sociedades da afluência e da abundância, que não possuem condições de consumir tudo o que produzem, no mesmo planeta onde há escassez de produtos para a satisfação de necessidades básicas à subsistência.

Marcuse (2015) relata também uma certa imbecilização (destacada na citação) inerente ao processo de dominação da sociedade unidimensional. Entretanto, o emburrecimento aqui não deve ser compreendido como uma ausência de todo tipo de raciocínio: a capacidade lógica deve estar apurada, mas somente para seguir os padrões impostos; o sujeito do capitalismo deve saber fazer cálculos e ter conhecimento técnico para servir melhor ao mundo da produção de valor – sua lógica e seu conhecimento devem estar, portanto, enquadrados e a serviço do que é necessário para a produção.

Por outro lado, o uso do cérebro para reflexões de outros tipos que não respondam diretamente ao que é útil para o mercado é acusado de devaneio inútil e imprestável. Consequentemente, as pessoas tornam-se cada vez mais embrutecidas e ignorantes acerca de sua realidade, já que as atitudes recompensadas são o afastamento da reflexão sobre o mundo e o adestramento da razão para o mundo do trabalho.

Nesse cenário sempre mais competitivo, o indivíduo precisa se adaptar às exigências do mercado de modo cada vez mais efetivo. Nessa demanda por desempenho, o sujeito se embrutecete. Esse embrutecimento significa uma falta de preocupação com tudo que não lhe dê lucro, ao mesmo tempo que significa também um aumento do egoísmo e da violência por vezes sublimada. É essa subjetividade que contém em si a personalidade autoritária que se mantém latente quando há "normalidade" no liberalismo, e que emerge em momentos de crise.

O fascismo subterrâneo e as redes sociais

De forma muito semelhante, a sociedade nazista também glorificou o sacrifício e a eficiência. Em um discurso proferido no Clube das Indústrias em Düsseldorf em janeiro de 1932, Hitler teria

afirmado que a "a vida privada, tanto quanto a social e a política baseia-se no 'princípio da eficiência'" (Hitler *apud* Marcuse, 1999, p. 112). Dessa forma, é assumido o paradigma da necessidade da competição implacável e da concorrência para os desenvolvimentos pessoal e nacional.

Esse princípio fez com que o Terceiro Reich funcionasse como uma "tecnocracia" (Marcuse, 1999, p. 74). Isso quer dizer que a sociedade nazista era baseada em uma racionalidade tecnológica, que por sua vez se baseia na supremacia da eficiência e da competição. Essa forma de vida criou sujeitos que sacrificaram suas individualidades para subordinar suas vidas ao princípio de desempenho. Disso surge a padronização de uma mentalidade que precisa eliminar os desperdícios em prol da busca pelo lucro (Marcuse, 1999, p. 77).

Essa tecnocracia é justamente o ponto em comum do nazifascismo com as sociedades liberais. Para Marcuse (1999), os dois sistemas constituem a sociedade industrial avançada, que tem como fundamento a criação de sujeitos que, de alguma forma, tornam-se máquinas. Ao manipular a máquina, o ser humano aprendeu que a melhor forma para ser eficiente é obedecer a programações, subjugando sua espontaneidade e deixando de lado tudo que não vá contribuir com seu melhor desempenho. Nesse cenário, "a máquina é o fator e ele [o ser humano] o instrumento" (Marcuse, 1999, p. 78).

Contudo, isso não faz com que o indivíduo se sinta coagido ou controlado: de forma contrária, sente-se livre em sua rotina programada e julga ser completamente independente, ainda que seus gostos e objetivos sejam padronizados. A individualidade se mantém sobretudo na ideia de concorrência, que é fundamental tanto para o nazismo quanto para o capitalismo. Nessa conjuntura, o cenário é semelhante ao descrito por Hobbes (1988) em *Leviatã*: o ser humano torna-se o lobo do próprio ser humano em uma guerra de todos contra todos. Há, portanto, uma predisposição à disputa e ao individualismo que faz com que exista uma desconfiança mútua, e o medo do outro se torna algo comum, até incentivado.

É daí que surgem as amplificações de fenô-

menos como o racismo, a xenofobia, a aporofobia e demais formas de preconceito. Na sociedade atomizada, as pessoas tendem a se juntar com outras parecidas, afirmando as semelhanças e rechaçando os diferentes. Em condições de razoável normalidade social com algum nível de prosperidade econômica, esse medo e essa desconfiança da cultura do individualismo se mantêm submersos nas sociedades liberais. Todavia, as crises econômicas e as convulsões sociais fazem com que esses sentimentos latentes emergjam. Segundo Marcuse (1999, p. 89), esses impulsos destrutivos tendem a ser libertados em momentos de escassez e frustração. Desse modo, é possível compreender como a mentalidade fascista se mantém no liberalismo. Ainda que o liberalismo possa parecer a antítese do fascismo, a verdade é que partilham o mesmo terreno.

De forma semelhante a Adorno, Marcuse (1999, p. 89) argumenta que é a mentalidade de massa que faz com que essas qualidades destrutivas venham à tona. A mentalidade de massa, por sua vez, surge do processo de padronização construído pela necessidade de desempenho. Ao buscar o interesse próprio da maneira mais eficiente possível, o indivíduo tende a seguir caminhos predeterminados. Na guerra de todos contra todos, a disputa é sobre quem se adapta melhor às exigências do mercado. É, portanto, um movimento guiado pelo imperativo na auto-preservação que faz com que as pessoas abram mão das suas idiossincrasias.

Assim, por mais que se julgue muito original e único, tanto no liberalismo quanto no fascismo, o sujeito é um sujeito de massa. A forma com as massas são organizadas, entretanto, variam do capitalismo para o nazifascismo: sob o regime fascista, a "maldade intrínseca", da qual Freud (2011) falava, é mais aceita socialmente; em sociedades liberais, por outro lado, ela permanece à espreita e pode manifestar-se a depender do contexto.

O cenário mais comum que faz com que os preconceitos e as violências venham à tona é a reunião de pessoas que, embora não reconheçam, possuem pensamentos preconceituosos

semelhantes. É por esse motivo que estádios de futebol costumam ser palco para ofensas racistas: a identificação com o time faz com que as pessoas se unam e se sintam parte da mesma coletividade – o indivíduo deixa de ser um sujeito isolado e passa a ser o clube pelo qual torce. Nessa circunstância, a barreira que reprimia os preconceitos é afrouxada e a pessoa pode se comportar de modo que não se comportaria em outras condições.

Com as bolhas digitais, esse processo de identificação entre as pessoas é intensificado, de modo que é possível unir pessoas em uma massa sem que elas estejam no mesmo lugar. Além disso, como os algoritmos são muito eficientes em prender nossa atenção, passamos muito tempo recebendo e passando informações das nossas bolhas. Diferentemente de um torcedor que vai para a casa após o jogo, a internet e os *smartphones* fazem com que raramente se perca o contato com os membros e o líder da massa psicológica.

As bolhas virtuais garantem que a versão oficial dos grupos seja resguardada e protegida de qualquer questionamento. Além disso, elas também evitam que as pessoas sejam expostas a perspectivas diferentes das que são aceitas pelo grupo. Com a sociedade focada cada vez mais em *performance*, perdemos a capacidade de pensar criticamente, pois estamos constantemente ocupados, o que aumenta também o isolamento social. Dessa forma, com as relações interpessoais se enfraquecendo, tornamo-nos mais solitários e, portanto, mais propensos a buscar conexões, o que nos deixa vulneráveis às influências das massas psicológicas.

O nazifascismo não morreu com o final da Segunda Guerra; ainda que os países do eixo tenham sido derrotados, a mentalidade que permitiu o surgimento dos regimes autoritários não evaporou simplesmente. Ademais, o tipo de personalidade autoritária não é um fenômeno que somente houve na Alemanha, na Itália ou no Japão. As revoluções industriais criaram uma forma de vida que padroniza e embrutece os indivíduos a partir de uma cultura da competi-

tividade e do sacrifício que privilegia os afetos que alimentam o fascismo.

Os algoritmos não inventaram o neofascismo, mas contribuem efetivamente para sua presença na sociedade. Nesse contexto, as *big techs* são duplamente responsáveis pelo crescimento desse espectro político. De um lado, criam um ambiente que favorece a proliferação de conteúdos e personagens da extrema direita, além de acentuarem o poder das massas psicológicas com as bolhas digitais. Do outro lado, constituem uma das áreas mais ricas e poderosas do capitalismo, que cultiva a forma de vida que embrutece as pessoas e cria uma guerra de todos contra todos, em que afetos como o medo e o ódio são fundamentais.

Bolsonarismo, redes sociais e massas psicológicas

Se, como aponta Marcuse (2015), a mentalidade fascista é estruturalmente vinculada ao capitalismo, como isso se materializa em contextos periféricos, no Brasil por exemplo? Pesquisas recentes destacam que a relação entre extrema direita e plataformas digitais no País é marcada por estratégias de comunicação emocional, uso de aplicativos de mensagens e construção de redes submersas de desinformação.

Em "As Redes Sociais e a Psicologia das Massas: A Internet como Terreno e Veículo do Ódio e do Medo" (Arão, 2020), vemos que as redes sociais estruturam dinâmicas de massa descritas por Freud e Adorno, transformando usuários em agentes automatizados de afetos autoritários. Algoritmos exploram emoções primárias – como medo e ódio – para criar bolhas digitais que reforçam identidades coletivas agressivas. Esse processo reproduz a "alma coletiva" freudiana, em que indivíduos dissolvem sua singularidade em favor de uma mentalidade grupal, facilitando a externalização de preconceitos reprimidos.

Durante as eleições de 2018, por exemplo, campanhas bolsonaristas no WhatsApp utilizaram mensagens em cadeia que associavam o PT a "corrupção" e "degeneração moral", explorando medos arraigados na sociedade brasileira.

Essas narrativas, amplificadas por algoritmos, não apenas mobilizaram eleitores, mas também legitimaram violência simbólica contra minorias.

Em "Como Vencer uma Eleição sem Sair de Casa", Leticia Cesarino (2020) analisa essa questão pensando a emergência do populismo digital como fenômeno central na política contemporânea. A autora explora, entre outros aspectos, como plataformas de mensagem são instrumentalizadas para construir narrativas que reforçam o extremismo, consolidando a figura de um líder carismático que se autoproclama "a voz do povo". Esse mecanismo, segundo Cesarino (2020), opera por meio de uma retórica maniqueísta, estabelecendo uma fronteira simbólica entre um "nós" idealizado (identificado como o povo autêntico) e um "eles" demonizado (associado à esquerda, ao PT, ao globalismo ou a outras forças consideradas ameaçadoras). A dinâmica, assim, não apenas simplifica debates complexos, mas também alimenta divisões sociais, transformando a comunicação digital em ferramenta estratégica para mobilização política sem mediações tradicionais.

Em seu artigo, Cesarino (2020, p. 100), embora reconheça um *background* teórico de psicanálise em seu texto, não desenvolve a relação do bolsonarismo com a teoria psicanalítica. Contudo, essa relação pode ser explorada. Sem se referir à psicologia das massas, a autora descreve muitas características das massas psicológicas. A importância de um inimigo externo, por exemplo, é uma das ideias apresentadas por Cesarino (2020, p. 99, 100) e que também se encontra na teoria freudiana. Vimos que, para Freud, a coesão grupal depende da projeção de ameaças que justifiquem a união em torno de um líder, substituindo a heterogeneidade individual por uma identidade coletiva simplificada. Nas redes bolsonaristas, essa lógica se materializa em memes e discursos que reduzem adversários a símbolos de corrupção, imoralidade ou ameaça à nação, como o *kit gay* ou a associação do PT ao "comunismo".

Aqui, a teoria de Adorno (2019) sobre a personalidade autoritária oferece um complemento crucial: indivíduos com traços autoritários tendem

a buscar líderes fortes, demonizar grupos marginalizados e aderir a normas rígidas. A campanha de Bolsonaro, ao associar-se a valores como "família tradicional", "segurança" e "anticorrupção", ativou esses traços, canalizando ressentimentos sociais para um inimigo unificador. O uso de linguagem anti-intelectual ("contra o politicamente correto") e a glorificação da violência ("bandido bom é bandido morto") reforçam uma visão maniqueísta do mundo, típica da mentalidade autoritária.

Cesarino (2020, p. 104,105) descreve ainda um fenômeno singular: a "fractalização" de Jair Bolsonaro, ou seja, seus seguidores reproduzem espontaneamente seu discurso, tornando-se extensões digitais do líder. O conceito de "fractalização" no texto refere-se à capacidade do mecanismo populista digital de se reproduzir e expandir de forma autônoma e descentralizada, seguindo padrões estruturais que se repetem em diferentes escalas. Inspirado na geometria fractal (em que partes do sistema refletem o todo), esse processo é viabilizado por aplicativos como o WhatsApp, que permitem a replicação espontânea de conteúdos e estratégias pelos próprios seguidores. O líder populista não centraliza toda a ação política; em vez disso, os seguidores incorporam e reproduzem os padrões discursivos (como antagonismo amigo-inimigo, equivalência líder-povo e mobilização por ameaças), agindo como "réplicas" do líder. Isso cria uma rede policêntrica, em que cada nó (grupo ou indivíduo) opera de forma independente mas alinhadamente ao sistema maior.

No populismo digital, a figura do líder (por exemplo, Bolsonaro) é fragmentada e replicada em múltiplas escalas (memes, áudios, perfis de apoiadores), criando uma presença simbólica constante. A fractalização permite que cada seguidor se torne um "microlíder", reproduzindo discursos e ações em seus círculos, sem necessidade de centralização. Isso ecoa a ideia freudiana de que o líder é internalizado psiquicamente. Para Freud, a massa é uma entidade regressiva, na qual os indivíduos abdicam de seu ideal do eu para investir libidinalmente em uma

figura líder, que passa a ocupar o lugar do "pai primordial" – um substituto simbólico que unifica desejos dispersos sob uma identidade coletiva.

Essa figura não precisa mais ser um corpo físico ou uma voz unificada e por isso contemporaneamente ela se esfacela em *pixels* e algoritmos, operando como um fantasma digital que habita simultaneamente milhares de telas. A novidade aqui é que a "alma grupal" descrita por Freud, antes dependente de uma presença carismática tangível, agora se estrutura em rede, em que a internalização do líder se dá por meio de estilhaços simbólicos – memes que reduzem discursos complexos a frases de efeito, vídeos editados para maximizar indignação ou gestos repetidos até a saturação.

A pesquisa de Cesarino (2020) destaca também a proliferação de conteúdos violentos e conspiratórios nos grupos de WhatsApp, que alimentam uma narrativa de "crise permanente". Essa estratégia alinha-se à descrição freudiana da massa como espaço onde pulsões reprimidas são liberadas. Ao expor seguidores a vídeos de violência urbana ou teorias da conspiração, o populismo digital cria um estado de medo contínuo, justificando a adesão a soluções autoritárias.

Adorno (2015) argumenta que regimes autoritários manipulam o medo para destruir a capacidade crítica. No Brasil, a campanha de 2018 transformou o medo do "outro" (o criminoso, o corrupto, o militante esquerdista) em combustível político. A constante sensação de perigo, amplificada por algoritmos que priorizam engajamento emocional, reforça a dependência da figura protetora do líder

A análise de Cesarino (2020) sobre o populismo digital não apenas desvenda as táticas contemporâneas de manipulação, mas revela como a tecnologia atualiza mecanismos profundamente enraizados na psique humana. Contudo, um olhar sobre a relação entre o bolsonarismo e as redes sociais que leve em conta o funcionamento das massas psicológicas pode explorar de forma mais profunda a subjetividade da extrema direita contemporânea.

Em alguns momentos do seu texto, Cesarino

(2020, p. 100, 101) afirma que o líder cria o povo; entretanto, de acordo com a teoria psicanalítica desenvolvida por Freud e continuada por Adorno, é a massa que cria o líder (Arão, 2020). Essa perspectiva destituiu grande parte do poder dos líderes populistas para pensar como se dá sua ascensão e sua manutenção no poder. Não há, portanto, um indivíduo superpoderoso que consegue manipular completamente as massas, mas sim um sujeito que consegue responder aos anseios de parte da população e se adaptar a elas. Embora o líder exerça um papel ativo nesse processo, é crucial destacar que a direção da política é determinada, em maior medida, pelos ressentimentos e desejos inconscientes da população do que por um projeto pessoal concebido pelo líder. Em outras palavras, os líderes funcionam como egrégoras – entidades simbólicas invocadas pelo imaginário coletivo –, materializando as energias, angústias e aspirações não reveladas de seu tempo. Assim, mais do que autores de suas próprias narrativas, eles encarnam respostas às pulsões sociais que os transcendem, refletindo o inconsciente político de uma era.

Adorno (2015), em "Teoria freudiana e o padrão da propaganda fascista", acrescenta que líderes autoritários exploram a ambivalência entre onipotência e vulgaridade. Bolsonaro personifica essa dualidade: um "mito" heroico, mas também um "homem comum" que usa relógio Casio e evita o verniz político tradicional. Essa construção ressoa com a personalidade autoritária, a qual idealiza líderes que simultaneamente encarnam a grandeza e a simplicidade, permitindo que os seguidores projetem neles suas aspirações e frustrações. As redes sociais, ao fragmentar a esfera pública em bolhas digitais, replicam a estrutura das massas freudianas, em que o pensamento crítico é suplantado por afetos primários. A personalidade autoritária, por sua vez, encontra no mundo digital um terreno fértil para florescer, alimentada por discursos que simplificam complexidades e transformam diferenças em ameaças existenciais.

Nesse sentido, o caso brasileiro ilustra que as redes sociais não inventaram algo completa-

mente novo, mas contribuíram para o fortalecimento das massas psicológicas: as ferramentas mais avançadas da comunicação digital são mobilizadas para ativar pulsões arcaicas. Como, a democracia permanece vulnerável não porque as máquinas nos controlam, mas porque as mesmas fragilidades que sempre permitiram a manipulação das massas – medo, ódio, desejo de submissão – agora operam em escala global, mimetizadas em *pixels* e algoritmos.

Essa interpretação do bolsonarismo e das redes sociais sob a ótica da psicanálise é feita também por Christian Dunker (2019) e Rita Almeida (2024). Christian Dunker, em "Psicologia das massas digitais e análise do sujeito democrático" (2019), argumenta que as dinâmicas das massas contemporâneas são reconfiguradas pela digitalização, criando uma lógica de "condomínios" sociais. Esses condomínios simbolizam espaços segregados, nos quais a lei é aplicada de forma restrita e excludente, reforçando muros simbólicos e físicos que alimentam a violência contra "inimigos" internos e externos. Dunker observa que o bolsonarismo opera como um "estado permanente de guerra", no qual a simplificação maniqueísta do discurso – dividindo o mundo entre "nós" (os "bons cidadãos") e "eles" (comunistas, esquerdistas, minorias) – substitui a mediação democrática pela eliminação simbólica do outro. Essa dinâmica, intensificada pelas redes digitais, transforma o conflito social em uma batalha existencial, na qual a identificação com o líder autoritário oferece uma "anestesia psíquica" para sujeitos em crise identitária.

Já Rita Almeida, em *Psicologia de massas e bolsonarismo* (2024), utiliza a escuta psicanalítica para investigar como a adesão a Jair Bolsonaro funciona como um sintoma social. Ela destaca que o fenômeno bolsonarista não se resume a uma mera manipulação digital, mas emerge de um mal-estar estrutural, em que indivíduos fragilizados por crises econômicas, raciais e de gênero encontram no líder uma figura que promete restituir um "lugar perdido" na hierarquia social. Almeida analisa como a identificação com Bolsonaro opera na condição de uma "solução"

regressiva: em vez de confrontar as causas do sofrimento, os seguidores transferem sua angústia para um inimigo externo, internalizando a lógica do "condomínio" descrita por Dunker (2019). Essa dinâmica é amplificada por plataformas como o WhatsApp, em que a repetição de mensagens simplificadas e emotivas cria uma "comunidade de destino" baseada no ódio, substituindo a reflexão crítica por uma coesão tribal.

Ambos os autores destacam a singularidade do caso brasileiro: Dunker (2019) aponta para a herança colonial de violência e segregação, que se mescla com o neoliberalismo digital para produzir uma democracia "customizada" para elites, enquanto Almeida (2024) enfatiza como a crise de representação política e a desilusão com instituições tradicionais abriram espaço para a ascensão de um líder que personifica a "autenticidade" supostamente antissistema.

Essas perspectivas complementam as de Cesarino (2020): se o "populismo digital" cria uma realidade paralela baseada em inimigos externos, Dunker (2019) e Almeida (2024) revelam como essa construção se alimenta de fraturas sociais profundas e de uma reconfiguração do laço democrático em ambientes digitais tóxicos. A metáfora do "condomínio" de Dunker, por exemplo, ilustra como a segregação espacial e simbólica – presente em políticas de encarceramento em massa, armamentismo e negação de direitos – se torna um princípio organizador da subjetividade bolsonarista. Já Almeida, ao tratar o fenômeno como sintoma, propõe que o enfrentamento do bolsonarismo exige não apenas combater a desinformação, mas reconhecer as raízes do sofrimento social que o alimenta, propondo uma escuta crítica capaz de restaurar a complexidade suprimida pelo discurso de massas.

Ambos os autores reforçam a ideia de que o bolsonarismo é tanto uma expressão de arcaísmos psíquicos quanto um produto das contradições do capitalismo digital periférico, segundo as quais a promessa de inclusão via consumo convive com a exclusão violenta dos "diferentes". Suas obras oferecem um mapa para entender como as sombras da psicologia das massas,

longe de serem superadas, ressurgem com força renovada nas brechas abertas pela crise democrática global.

Portanto, a materialização da mentalidade fascista no capitalismo periférico brasileiro, conforme analisado, revela uma simbiose entre estruturas históricas de exclusão e as dinâmicas digitais contemporâneas. A exploração estratégica de emoções primárias, a construção de inimigos externos e a fractalização do líder em "condomínios sociais" segregados (Dunker, 2019) ilustram como a psique das massas é reconfigurada em ambientes digitais tóxicos, substituindo a mediação democrática por extremismos maniqueístas.

O caso brasileiro expõe a ironia de que tecnologias avançadas, em vez de promoverem emancipação, reativam pulsões autoritárias, alimentadas por fraturas sociais profundas: herança colonial, crise de representação política e desigualdades estruturais. O populismo digital opera como sintoma de um mal-estar coletivo, em que indivíduos fragilizados projetam angústias em narrativas simplificadas, encontrando no líder autoritário uma falsa promessa de restauração identitária. A dinâmica das redes, ao fragmentar a realidade em bolhas emocionais, não apenas reproduz a "alma coletiva" freudiana, mas a potencializa, transformando diferenças em ameaças existenciais.

Considerações finais

A análise desenvolvida ao longo deste artigo evidencia que a relação entre redes sociais e ascensão da extrema direita não se resume a uma mera coincidência tecnológica, mas emerge de uma intrincada teia de fatores históricos, psicológicos e estruturais. Como demonstrado, os algoritmos não inventaram o neofascismo, mas atuaram como catalisadores de afetos e ideias autoritárias já latentes nas sociedades liberais. Ao priorizar engajamento em detrimento da ética, as plataformas digitais criaram um ecossistema no qual discursos de ódio, teorias conspiratórias e extremismo encontram terreno fértil, replicando dinâmicas descritas por Freud (2011) e Adorno (2015, 2019) sobre a psicologia das massas.

A convergência entre o princípio de desempenho capitalista, analisado por Marcuse (2015), e a padronização de subjetividades autoritárias revelam uma ironia perturbadora: o mesmo sistema que se autoproclama antítese do autoritarismo alimenta, em suas entranhas, pulsões destrutivas. A exigência de eficiência, competição e individualismo exacerbado não apenas embrutece o sujeito, mas o prepara para abraçar simplificações maniqueístas em momentos de crise. No contexto brasileiro, essa dinâmica materializou-se no bolsonarismo, fenômeno que encapsula ressentimentos históricos, fraturas sociais e a instrumentalização de ferramentas digitais para construir realidades alternativas.

Como ilustrado por Dunker (2019), a formação de "condomínios" digitais não apenas reproduz a lógica das massas freudianas, mas a intensifica. A dissolução da individualidade em favor de identidades coletivas agressivas, somada à desconfiança nas instituições democráticas, expõe a vulnerabilidade de sociedades que confundem conectividade com emancipação. O caso brasileiro, enraizado em desigualdades estruturais e heranças coloniais, demonstra como tecnologias supostamente neutras podem reativar arquétipos autoritários, transformando diferenças em ameaças e angústias em combustível político.

Diante desse cenário, fica claro que combater o enfraquecimento democrático exige mais que regulamentação de plataformas. É necessário resgatar a reflexão crítica sobre as bases psicológicas e materiais que sustentam o autoritarismo. As lições de Adorno e Freud lembram-nos de que a democracia não é ameaçada por máquinas, mas pela incapacidade de confrontar as sombras que habitam tanto os algoritmos quanto a subjetividade.

As grandes empresas de tecnologia, com o intuito de prender nossa atenção o máximo possível, acabaram por abrir a Caixa de Pandora da extrema direita. Ainda que as *big techs* não sejam responsáveis por criar o neofascismo, possuem responsabilidade pelo crescimento da extrema direita porque criaram algoritmos que gostam desse espectro político. É muito possível que

essa predileção não seja intencional, por outro lado também não é meramente obra do acaso: as redes sociais (assim como outras formas de mídia que vieram antes delas) sabem que cultivar o ódio e o medo são excelentes formas de prender a atenção – por isso o discurso sensacionalista é tão presente em todos os meios de comunicação.

Os impulsos destrutivos que constituem esse interesse no sensacionalismo são justamente parte dessa personalidade autoritária da qual falava Adorno (2019). Assim, de forma proposital ou não, os algoritmos estão dando palco para conteúdos que dialogam com o pior do que temos dentro de nós. Ademais, as comunidades digitais, com o objetivo de unir as pessoas, acabam por isolá-las do resto do mundo, fortalecendo o poder das massas psicológicas que também possuem relação com a mentalidade fascista. Por isso, não é suficiente punir pessoas que proferem certos discursos ou criam notícias falsas; em um sistema que privilegia esse tipo de conteúdo, essa atitude é somente um enxugar de gelo em que uma pessoa pode ser punida, mas surgirão outras tantas.

Como os algoritmos só trazem à tona o que já existe na sociedade e nos seres humanos, a solução definitiva seria uma transformação social radical que findasse com o princípio de desempenho e pudesse efetivamente acabar com a mentalidade fascista. Contudo, como essa alternativa não se apresenta no horizonte atual de escolhas possíveis, para conter o avanço da extrema direita e da incivilidade, faz-se necessário que existam políticas públicas que controlem o impacto das redes sociais na sociedade.

Tendo em mente a relevância dos algoritmos na vida pública (bem como na cultura, nas relações pessoais, na capacidade de concentração e em outras esferas da vida humana), não é sensato deixar que as *big techs* escolham quais afetos querem cultivar na sociedade. Os seus lucros (frutos da nossa atenção) não podem ser justificativa para o aumento na barbárie.

Em muitos espaços, qualquer menção à regulamentação das redes sociais ocasiona uma resposta em defesa da liberdade de expressão.

Contudo, em algoritmos que favorecem discurso sensacionalista, não há liberdade de fato. As pessoas que produzem obras nas mais diversas plataformas não estão em pé de igualdade e são incitadas (sabendo ou não) a abordar certos temas de certa forma se quiserem que o algoritmo entregue seus produtos para a audiência. Isso quer dizer que os criadores não são realmente livres: para alcançar o público, é preciso se comportar de certa maneira e abordar certos temas; de forma contrária, a entrega de seus vídeos, *podcasts* ou *posts* será ínfima. A liberdade nesse contexto é a liberdade dos algoritmos a quem servimos, se o objetivo for ser visto ou ouvido. Como esses sistemas automatizados não são realmente autônomos, só quem é livre nessa relação são as *big techs*, que, em nome do lucro, estão destruindo o que havia de civilidade.

Referências

ADORNO, Theodor. *Ensaaios sobre psicologia social e psicanálise*. Tradução de Verlaïne Freitas. São Paulo: Unesp, 2015.

ADORNO, Theodor. *Estudos sobre a personalidade autoritária*. Tradução de Francisco Lopez Toledo Correa, Virginia Helena Ferreira da Costa e Carlos Henrique Pissardo. São Paulo: Unesp, 2019.

ALMEIDA, Rita. *Psicologia de massas e bolsonarismo*. São Paulo: E-Galáxia, 2024.

ARÃO, Cristian. As redes sociais e a psicologia das massas: a internet como terreno e veículo do ódio e do medo. *Revista de Filosofia Moderna e Contemporânea*, Brasília, v. 8, n. 3, p. 181-206, dez. 2020. DOI: 10.26512/rfmc.v8i3.34292.

CESARINO, Letícia. Como vencer uma eleição sem sair de casa: a ascensão do populismo digital no Brasil. *Internet & Sociedade*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 91-120, fev. 2020.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. Tradução de Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2016.

DUNKER, Christian Ingo Lenz. Psicologia das massas digitais e análise do sujeito democrático. In: PASSOS, Julia (org.). *Democracia em risco? 22 ensaios sobre o Brasil hoje*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. p. 116-135.

EMPOLI, Giuliano Da. *Os engenheiros do caos: como as fake News, as teorias da conspiração e os algoritmos estão sendo utilizados para disseminar ódio, medo e influenciar as eleições*. Tradução de Arnaldo Bloch. São Paulo: Vestígio, 2020.

FESSLER, Daniel; PISOR, Anne; NAVARRETE, Carlos. Negatively-Biased Credulity and the Cultural Evolution of Beliefs. *Plos One*, San Francisco, v. 9, n. 4, p. e95167, abr. 2014.

FREUD, Sigmund. *Psicologia das massas e análise do Eu e outros textos*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

HOBBS, Thomas. *Leviatã ou Matéria, forma e poder de um estado eclesiástico e civil*. Tradução de João Paulo Monteiro e Maria Beatriz Nizza da Silva. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

KAISER, Brittany. *Manipulados: como a Cambridge Analytica e o Facebook invadiram a privacidade de milhões e botaram a democracia em xeque*. Tradução de Roberta Clapp e Bruno Fiuza. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2020.

KALIL, Isabela. Jovens 'nerds', 'gamers', hackers e 'haters' formam maior base de apoio a Bolsonaro. *Valor Econômico*. São Paulo, 2020. Disponível em: <https://valor.globo.com/eu-e/noticia/2020/09/11/jovens-nerds-gamers-hackers-e-haters-formam-maior-base-de-apoio-a-bolsonaro.ghtml>. Acesso em: 20 set. 2020.

MARCUSE, Herbert. *Eros e civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud*. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

MARCUSE, Herbert. *O homem unidimensional: estudos da ideologia da sociedade industrial avançada*. Tradução de Robespierre de Oliveira, Deborah Christina Antunes e Rafael Cordeiro da Silva. São Paulo: Edipro, 2015.

MARCUSE, Herbert. *Tecnologia, guerra e fascismo: coletânea de artigos de Herbert Marcuse*. Tradução de Maria Cristina Vidal Borba. São Paulo: Unesp, 1999.

MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política: livro I: o processo de produção do capital*. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2017.

McINTYRE, Lee. *Post-truth*. Cambridge, MA: The MIT Press, 2018.

ROCHA, Carlos. *Algoritmos das redes sociais e seitas políticas: reflexões sobre tecnologia, democracia e sociedade*. São Paulo: Pimenta Cultura, 2024.

ROTH, Philip. *Pastoral Americana*. Tradução de Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SUMPTER, David. *Dominados pelos números*. Tradução de Anna Maria Sotero e Marcello Neto. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2019.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. Tradução de José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

Cristian Arão

Professor na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Doutor em filosofia (UFBa) com de pós-doutorado no projeto "Inteligência artificial: desafios filosóficos" do PPGFIL/UnB.

Endereço para correspondência

R. Rui Barbosa, n 710, Cruz das Almas - BA, 44380-000

Os textos deste artigo foram revisados por Araceli Pimentel Godinho e submetidos para validação dos autores antes da publicação.